

NATUREZA, TECNOLOGIA E TRANSCENDÊNCIA EM *HISTÓRIAS DE VER E ANDAR* DE TEOLINDA GERSÃO

Gabriel Augusto Coelho Magalhães (UBI)

ABSTRACT

In *Histórias de Ver e Andar*, by Teolinda Gersão, we find several metaphors that condense the meaning of the various stories that make up this collection. Such metaphorical creations come mainly from three universes: that of the natural world, that of transcendence and that of technologies, especially those of communication and information. While Nature and the transcendental dimension are reduced, minimized in the narratives, the presence of technology assumes an unexpected importance. This weight of the technological presence, which reflects the reality of the year in which this literary work appeared (2002), also signals, in an almost prophetic way, a current situation.

Keywords: *Histórias de Ver e Andar*; Metaphor; Nature; Transcendence; Technology

RESUMO

Em *Histórias de Ver e Andar*, de Teolinda Gersão, encontramos várias metáforas que condensam o sentido dos vários contos que configuram essa coletânea. Tais criações metafóricas provêm sobretudo de três universos: o do mundo natural, o da transcendência e o das tecnologias, sobretudo as da comunicação e informação. Enquanto a Natureza e a dimensão transcendental se veem reduzidas, minimizadas nas narrativas, a presença tecnológica assume um relevo inesperado. Este peso da presença tecnológica, que reflete a realidade do ano em que esta obra literária apareceu (2002), também sinaliza, de forma quase profética, uma situação própria da nossa atualidade.

Palavras-chave: *Histórias de Ver e Andar*; Metáfora; Natureza; Transcendência; Tecnologia

Recebido em 13 de julho de 2023

Aceite em 21 de julho de 2023

DOI: <https://doi.org/10.58155/revistadeletras.v1i7.454>

Esta comunicação é ela mesma e a sua circunstância. Ou, por outras palavras, as condições que rodearam a sua apresentação, no colóquio que a UBI dedicou a Teolinda Gersão em 25 de maio de 2021, fazem parte também da sua substância, relacionando-se com o próprio núcleo da reflexão que aqui se desenvolve. Nesse mês e nesse ano, ainda muito marcados pela pandemia de Covid19, as sessões do colóquio mencionado realizaram-se online, com os participantes metidos no escafandro do seu próprio computador. As tecnologias envolviam-nos a todos. Podemos mesmo dizer que embrulhavam as nossas vidas.

Não seria fácil dizer se estivemos presentes ou ausentes nesse colóquio. Ele aconteceu na sua própria flutuação visual, como um fantasma de si mesmo, uma assombração tecnológica. Seja-me perdoado este começo paradoxal, mas, naquela altura, há mais de um ano que vivíamos boa parte dos nossos dias nesse aquário de consultório de dentista que são as plataformas informáticas. Todos éramos, mais ou menos, peixinhos que lá dentro nadávamos. Entre a areia do fundo, as pedras decorativas e algumas ficções de coral, olhávamos uns para os outros e depois dávamos mais uma voltinha dentro desse recipiente feito de bites e de enigmáticas programações. Tal era necessário, certamente, impunha-se por motivos sanitários, bem o sabemos. Contudo, que tristeza a ausência presente a que estávamos condenados.

Se começo assim, é porque na obra de Teolinda Gersão que vou analisar, a coletânea de contos *Histórias de Ver e Andar*, de 2002, as tecnologias da comunicação e da informação têm grande importância. Os 14 contos que configuram o livro, de facto, desenham um mapa do Portugal contemporâneo que, no ano em que estas narrativas viram a luz, era uma cartografia do presente, mas também uma história do futuro. Já lá estávamos todos os que aqui nos encontramos agora, adivinhados então pela escrita da autora.

Entretanto, deve constatar-se que as comunicações apresentadas no colóquio referido são tanto uma homenagem à contista como à autora de romances. Porque, de facto, algumas das estórias breves de Teolinda Gersão funcionam como um dardo que se nos espeta no coração. Foi o que me aconteceu com *Histórias de Ver e Andar*: no ano em que este livro saiu, o *Jornal de Letras, Artes e Ideias* ofereceu ao seu público, entre vários contos para entreter o verão, “O Leitor” (Gersão 2002), a narrativa que encerra a coletânea. Li-o e fiquei nele para sempre, numa das carruagens do comboio metropolitano que tanta importância tem nesta estória. Continuo a lê-lo hoje: ainda não acabou a minha viagem pelas suas palavras.

Destacar a importância da contista, não significa reduzir, de modo algum, a dimensão de romances extraordinários como *A Árvore das Palavras* (1997) ou *A Casa da Cabeça de Cavallo* (1995), dois grandes livros a fechar o nosso século XX. Estudar a contista – sendo que, na cultura portuguesa, este subgênero do conto costuma ser menos valorizado – não pretende, de nenhum modo, “desomenagear” a autora homenageada. Como diz Miguel Real, encontramos-nos perante “uma das maiores escritoras portuguesas da passagem do século XX para o XXI” (Real 2012: 137); na mesma linha, José Carlos Seabra Pereira considera a nossa autora como uma “grande figura da ficção narrativa contemporânea” (Pereira 2019: 641). Acontece, porém, com Teolinda Gersão o que também se passa com Lobo Antunes: admiramos os romances, mas guardamos muitos dos seus contos – crônicas no caso do autor de *Memória de Elefante* – nos lugares mais vivos da nossa memória.

Mencionei, há pouco, referindo-me aos contos de Teolinda Gersão, um dardo que se espeta no nosso coração de leitores. Mas há um outro dardo, uma flecha de sentido que voa nas estórias de Teolinda Gersão: aquela que acerta na metáfora que diz a essência das suas narrativas curtas, tornando-se a chave do seu significado – e uma plataforma para as nossas interpretações. São, os seus contos, textos à procura de um rosto metafórico, que revela a verdadeira face, tantas vezes esfíngica, daquilo que foi dito. Essas metáforas constituem, no fundo, uma intensa cintilação, que tudo ilumina.

No caso de *Histórias de Ver e Andar*, essas metáforas reveladoras, ao mesmo tempo, do sentido e do mistério das estórias, provêm em boa parte de três áreas: o mundo natural, a transcendência e as tecnologias, sobretudo as da informação e comunicação. Se construirmos o dicionário dessas fantasias metafóricas, teremos um léxico da realidade portuguesa de inícios deste século XXI, que nos desenha perfeitamente também a nós, hoje, nas nossas imperfeições.

Começemos, pois, pelas metáforas referentes ao mundo natural. A Natureza, em *Histórias de Ver e Andar*, tem o tamanho de um lenço. De facto, esta imagem surge-nos em “A velha” (Gersão 2015: 51-58) quando se nos diz desta personagem o seguinte: “Estava tão bem na sua casa, no seu quintal do tamanho de um lenço [...]” (Gersão 2015: 55). Entretanto, no conto “As laranjas” (Gersão 2015: 47-49), este lenço natural transforma-se num cabaz cheio, precisamente, de laranjas – sinal de uma paixão intensa, de que uma figura masculina não foi capaz no seu passado, refugiando-se na casota de um casamento convencional. Um cabaz: de novo algo reduzido. O mundo natural exprime-se, assim, por radicais sinédoques, extremamente redutoras.

A Natureza toda metida num lenço, num cabaz. O mundo natural surge-nos, pois, diminuído, metamorfoseado no resíduo de si mesmo.

Por vezes, este lenço, este cabaz desdobram-se na toalha de lugares turísticos, onde a Natureza foi domesticada, mesmo quadriculada, para conceder horas de lazer em tempo de férias. Digamos assim: em vez de um lenço, uma toalha de praia. Tal acontece na narrativa “Segurança” (Gersão 2015: 9-21), onde nos surge um destino turístico internacional não nomeado, e em “As cartas deitadas” (Gersão 2015: 107-118), em que o narrador se recorda de estios passados em São Martinho do Porto. Uma Natureza, portanto, com bronzeador: mera chiclete de gozos sazonais. Não muito mais do que isto. As personagens de *Histórias de Ver e Andar* são, na sua imensa maioria, urbanas e vivem como que exiladas do contacto com o mundo natural, que se entrevê apenas, em geral, por uma estreita claraboia de sótãos existenciais.

Não nos estranha, por conseguinte, que umas das estórias se intitule mesmo “Natureza-morta com Cabeça de Goraz” (Gersão 2015: 99-105). Nela, uma personagem com a vida rarefeita por um recente divórcio, um homem reduzido aos restos cansativos da sua biografia, acaba por se ver, como num espelho, num quadro com este mesmo título. Portanto, nesta coletânea de Teolinda Gersão encontramos, de facto, uma Natureza moribunda, quase intransitiva na sua relação, não relacionada, com a humanidade. Como dissemos atrás, o dicionário das metáforas deste livro foi um mapa do ano de 2002, quando a obra apareceu, mas também constitui uma história do nosso futuro. Uma profecia do que hoje somos. Porque, na verdade, esta tornou-se uma das grandes questões do nosso tempo: a reconstrução, o repensar da nossa relação com o universo natural, de acordo com novos parâmetros. Em *Histórias de Ver e Andar*, a Natureza surge amordaçada, amputada da sua plenitude, ou então muito maquilhada, transformada num cenário algo artificial para consumo turístico.

Passemos, agora, às metáforas relacionadas com a transcendência, algo muito interessante nestes textos. Também elas, como as naturais, nos surgem extremamente empobrecidas. Em *Histórias de Ver e Andar*, a alma terá igualmente as dimensões de um lenquinho de bolso. Logo no primeiro conto (Gersão 2015: 9-21), depara-se-nos uma das metáforas mais atrevidas e irónicas que se inventaram para a figura divina. Um executivo de altas esferas sociais espera os resultados de um exame médico decisivo. Atormentado pela situação, faz uma promessa: se não estiver doente, oferecerá uma boa maquia, um milhão de dólares, a uma instituição de solidariedade. O veredito

clínico chega e é positivo para o nosso homem. Mas, agora, ele não cumpre a promessa. E acaba por passar umas férias numas Caraíbas quaisquer. E será aí que, durante um passeio, um dos seguranças do *resort* o assassina, fazendo assim “justiça”.

Nesta história, o conceito de Deus limita-se ao horizonte absolutamente estreito, de via muitíssimo reduzida, de um segurança, que toma conta das pessoas e as mata se não lhe pagam o serviço prestado. Esta visão das coisas é a do protagonista, claro. Mas reflete uma noção do divino extremamente árida. Sente-se, nos bastidores da narrativa, a ironia do narrador e, porventura, também a da autora. O mundo sem natureza desta coletânea é, afinal, também um mundo sem transcendência. Ou, pelo menos, com versões muito empobrecidas destas duas dimensões.

Também em “A velha” (Gersão 2015: 51-58), a realidade transcendente nos surge senil, degradada, em forma de caricatura sarcástica. No sono que a levará para a morte, a senhora idosa que protagoniza a história vê dois anjos. Eis o excerto:

Uma vez sonhou que dois homens batiam à porta, suados, um pouco aflitos, carregando um caixão. Pareciam dois gatos pingados, mas ela viu logo que eram anjos. Um deles era bastante calvo, o outro gaguejava um pouco e limpava o suor da cara com um lenço. (Gersão 2015: 56-57)

A tradicional perfeição etérea e diamantina das personagens angelicais deriva, como vemos, para esta quinquilharia celestial. De resto, a velha, protagonista da estória, serve-lhes qualquer coisa de comer. Eis o resultado: “Os anjos comiam com satisfação, pegavam no pão com as mãos calejadas e afastavam dos olhos os cabelos ralos, que o suor lhes colava à testa.” (Gersão 2015: 57) Nesta narrativa de Teolinda Gersão, lá se foram aquelas suaves, maravilhosas cabeleiras que caracterizam os mensageiros divinos. Se Deus não passa de um segurança de *resort* turístico, os anjos bem podem ser velhinhos trôpegos, algo desamparados.

Algo de providencial e caritativo nos surge também numa das personagens do conto “A visita” (Gersão 2015: 71-74), em concreto naquele homem que traz de comer a uma família carenciada. Este gesto de bondade faz desta visita, mencionada no título, uma real visitação meio religiosa, plena de bondade. Mas, também neste caso, o anjo humano, demasiado humano, que assim procede surge ferido de imperfeição, degradado: em concreto, não tem um braço. Faz o bem, fá-lo com muita generosidade, mas é manco nessa sua ação.

Também na estória “A defunta” (Gersão 2015: 83-87) o divino se vê reduzido, desaparecido nas entrelinhas da narrativa. Este conto trata de uma senhora idosa que deixou, antes de morrer, o seu funeral e o conjunto das suas exéquias perfeitamente organizados. Estava tudo por ela destinado. O texto abre com um narrador na primeira pessoa do plural, onde se projeta a massa dos participantes nessas cerimónias. Há uma missa, uma encomendação das almas, palavras de um sacerdote no cemitério. Mas são apenas rituais ociosos, vazios de qualquer emoção mais profunda. Tudo se resume a um programa perfeitamente calculado que cinge o acontecer das coisas. Se os textos anteriores esborratavam, por assim dizer, a transcendência, neste mostra-se que, por vezes, nada ou quase nada habita as nossas práticas religiosas. Já na sua conclusão, acabadas as exéquias, afirma o narrador: “Tudo estava resolvido, e o dia a dia podia continuar. No fim de contas, a vida e a morte eram coisas simples.” (Gersão 2015: 87) Simples e vazias, com quase nada lá dentro.

Ora, neste mundo esvaziado de natureza e de transcendência, o que é o que nos surge de redentor no conjunto das narrativas de *Histórias de Ver e Andar*? Em que procuram os agonistas a sua salvação, o sentido da sua biografia? Nas tecnologias. De facto, quando o livro sai, estamos em 2002, um tempo já marcado no nosso país pelo culto quase religioso do telemóvel e do computador, e a escritora adivinha, como uma profetisa, quais serão as nossas obsessões no porvir: sobretudo as tecnológicas. A lista da presença da tecnologia nestes textos é realmente impressionante: trata-se da letra com mais palavras no nosso dicionário metafórico. Quase se diria que entramos numa loja de maravilhas eletrónicas.

Logo no conto intitulado “A dedicatória” (Gersão 2015: 23-29) nos encontramos com uma personagem masculina que, dialogando com uma escritora – a quem pede precisamente uma dedicatória num livro –, confessa ter tentado recuperar, reconstruir uma relação amorosa através dos filmes que fez da pessoa amada. São estes filmes, este fluir de imagens tecnológicas, que vão permitir um refundar desta história sentimental. A tecnologia salva, cola um amor partido, gasto, findo. A citação é longa, mas esclarecedora. Diz este homem:

Talvez a senhora não acredite se lhe disser que fiz cópias de todos os filmes dela, quero dizer, de todos os filminhos de amator que fiz com ela. Sim, também tenho a minha pequena máquina de filmar, provavelmente é por isso que penso tanto nas coisas como se fossem filmes. Se lhe fosse falar dos meus filmes, ficava aqui a noite inteira. Podem não ser bons, mas são quase toda a minha vida. Ou eram, antes de ela se ir embora. Mas sossegue que não vou falar.

Só lhe quero dizer isto: guardei os originais dos filmes e diverti-me a transformar as cópias. Cortei, coleí, mudei – ela era a estrela, a personagem, e eu o realizador, o cameramen [Sic], o produtor, o público – ambos tínhamos todos os papéis.

É fantástico o que se pode fazer com o celulóide, descobri: o tempo andava para diante e para trás, aqui era ontem e depois anos antes, quando a conheci, aqui ela andava de bicicleta, nadava no mar, vinha a correr ao meu encontro, com um pequeno gesto eu fazia a bicicleta andar para trás ou parava-a de repente, ou repetia até ao infinito a sequência em que ela corria ao meu encontro – ela nunca acabaria de correr ao meu encontro, se eu quisesse. (Gersão 2015: 27-28)

Como podemos ver, as tecnologias transformam o sujeito num demiurgo, capaz de recriar o real, de corrigir o destino, de mudar o passado. De resto, se esta personagem quer uma dedicatória da escritora a quem se dirige, é precisamente porque, como ele diz, “os livros são uma espécie de filmes” (Gersão 2015: 28). A noção de tecnologia amplia-se, alarga-se, abrangendo também a escrita, sem dúvida ainda hoje a maior tecnologia cultural alguma vez inventada pelo ser humano. Ainda hoje, também, a mais poderosa de todas porque, como diz a personagem, os livros “têm ainda mais poder, porque desde sempre houve palavras mágicas, e ainda não há imagens mágicas.” (Gersão 2015: 28)

Não havia porventura imagens mágicas em 2002, mas hoje elas já existem, através da feitiçaria da chamada realidade virtual. Entretanto, anotemos que não deixa de ser curioso que esta vetusta técnica, a escrita, que tão profundas, tão radicais, tão absolutas consequências teve na história da humanidade, nos surja ao lado de algo relativamente novo, uma arte apenas um pouco mais do que centenária como é o cinema.

Esta fusão entre tecnologia e leitura também acontece no conto “O leitor” (Gersão 2015: 119-127), que é a estrela da companhia desta coletânea: aqui o ato de ler aproxima-se metaforicamente de uma viagem num comboio metropolitano. Na verdade, o maquinista do comboio dedica-se sorrateiramente à leitura na sua cabina. Assim, um gesto cultural muito antigo, o de ler, se funde, se articula com uma nova realidade. Após ter sido despedido por se ter descoberto este seu entretenimento perigoso realizado durante o trabalho, o narrador em primeira pessoa diz-nos:

Embora me envergonhe de o dizer, tenho uma saudade imensa de ler na cabina de maquinista. Não porque quisesse pôr em risco a vida de ninguém, mas porque lá dentro tudo se ajustava tão perfeitamente. No comboio e no livro, as linhas eram de certo modo paralelas. Ler também era seguir assim, por um túnel

escuro, e chegar, de quando em quando, a uma plataforma iluminada. (Gersão 2015: 127)

Eis a mais bela metáfora de todo o livro. O dardo que mais espetado fica na nossa memória de leitores. Contudo, devemos sublinhar que estas osmoses entre novas e velhas tecnologias não são o tom predominante do volume, a nota mais persistente da sua partitura. Na realidade, aquilo que nele domina é uma encenação crítica das chamadas novas tecnologias. Em “Uma orelha” (Gersão 2015: 59-70), por exemplo, alguém procura a salvação na chamada a uma linha telefónica de apoio. O convívio humano, a amizade solidária veem-se substituídos por este resquício: alguém que ouve o desabafo de alguém, alguém que não chega a ser a caridade de uma presença humana, mas sim, apenas, uma orelha – um mero mecanismo auditivo.

O conto em que este universo das novas tecnologias nos surge com um perfil mais sinistro, e ao mesmo tempo mais caricato, grotesco mesmo, é o intitulado “Big Brother isn’t watching you” (Gersão 2015: 37-45). Nesta estória, um grupo de raparigas adolescentes resolve assassinar uma colega apenas para ficarem famosas, para aparecerem na televisão: para serem alguém na vida. A fama justifica o crime mais gratuito. Psicólogos, jornalistas, professores, pais, colegas, família falam sobre o acontecimento para as vorazes câmaras de televisão. As jovens passarão algum tempo numa colónia correcional, certamente, na sua qualidade de menores. Contudo, como elas dizem, na atroz primeira pessoa do plural que enuncia esta narrativa: “Mas nenhuma de nós tem medo nem está preocupada. Temos a certeza de que tudo vai acabar com um belo pôr do sol em Miami.” (Gersão 2015: 45)

A omnipresença das tecnologias torna-se impressionante nesta obra de Teolinda Gersão. É como se estas se tivessem tornado o nosso verdadeiro cenário natural e a nossa real transcendência. Em “Noctário” (Gersão 2015: 75-82), outro conto da coletânea, encontramos-nos com as experiências oníricas de uma personagem: ela sonha “com aviões caindo.” (Gersão 2015: 76) Noutro sonho, depara-se-nos a seguinte situação: “[...] precisava de telefonar, mas não tinha telemóvel. Começava a andar, à procura de um telefone, mas perdia-me em bifurcações, em caminhos de areia, onde me enterrava até aos tornozelos, e não levavam a nenhum lado.” (Gersão 2015: 76) Ainda num outro sonho, uma casa é, em parte, “uma carruagem de comboio em andamento, muito extensa.” (Gersão 2015: 79) E, quando sonha com um amor perdido, a estória sentimental mais satisfatória da sua biografia, a protagonista vai encontrar-se com o falecido quando abre a porta de um elevador (Gersão 2015: 81-82).

Compreende-se, agora, porque comecei esta comunicação com aquela reflexão sobre o universo tecnológico em que vivemos durante a pandemia. Tecnologias, tecnologias e mais tecnologias foram os nossos botes salvavidas. Mas, por vezes, esquecemo-nos de que não são mais do que isso: jangadas. E há uma certa dimensão da vida que só se consegue caminhando a nossa presença, pondo o pé no chão da realidade. Este universo tecnológico que nos rodeia e estrangula como uma jiboia já estava em *Histórias de Ver e Andar*, porque a boa literatura é sempre anúncio, profecia, adivinhação. E já lá estava, sobretudo, o vazio que, a partir desses universos tecnológicos, nos espreita. O nosso mundo é também, hoje, em certo sentido, um mundo de ver e andar, em que ler ou pensar, ou até sentir, e a plenitude em que vive quem lê, pensa e sente, se veem substituídos por um devaneio audiovisual, informático, sem quase nada lá dentro e, no fim de contas, autodestrutivo.

Contudo, não se pense que, apoiados nesta obra de Teolinda Gersão, demonizamos as novas tecnologias. Pelo contrário. Já vimos que, segundo a autora, elas se podem articular, por exemplo, com a leitura. Portanto, também com a cultura, no sentido mais pleno e nobre deste termo. E, com efeito, essa parece ser a questão: os novos tempos tecnológicos implicam sempre um ajustamento, uma correção, que a nossa sociedade ainda não fez. E não o fez desde o já distante ano de 2002.

Vejamos, de forma muita sumária, algumas dessas correções, desses ajustamentos, na história da humanidade (Magalhães 2022). Em *Fedro*, Platão, pela voz de Sócrates, reflete sobre a escrita e, resumindo muito, diz-nos: esta técnica não pode substituir o diálogo ao vivo, cuja riqueza é única (Platão 1989: 120-126). O filósofo grego tinha razão. Por isso é que, milhares de anos depois da invenção da escrita, continua a haver aulas presenciais. Outro exemplo: em 1619, na sua obra *Fuente Ovejuna*, o grande dramaturgo espanhol Lope de Vega, através do diálogo de duas personagens, reflete sobre as bondades e as maldades da tipografia, da publicação impressa (Vega 1991: 89-91). Após a invenção de Gutenberg, durante um longo período o panorama foi caótico – e isso projeta-se nestas reflexões de *Fuente Ovejuna*. Mas também a tipografia acabou por ser posta no seu lugar, e o livro impresso não substituiu o professor, tornando-se, por outro lado, uma excelente ferramenta cultural.

E é disso mesmo que se trata: é preciso saber pôr as novas tecnologias no seu lugar. É para isso que a obra de Teolinda Gersão, indiretamente, nos alerta. E foi precisamente isso que ainda não fizemos nestas últimas décadas, pelo que essas novas tecnologias, neste momento, se estão a tornar nocivas,

nalguns aspetos bem importantes. No fundo, grande parte da nossa felicidade futura dependerá de saber encontrar estes equilíbrios. Como vimos, Platão ensina-nos que a escrita não substitui a vivacidade do diálogo presencial; tendo em conta Lope de Vega, percebemos que a tipografia deve obedecer a critérios que maximizem a sua utilidade. Ora, também nós precisamos que o progresso saiba dar a mão à natureza, que a ciência deixe respirar a transcendência, e vice-versa, e, finalmente, que a realidade virtual não substitua o valor único, precioso da humana presença.

Referências bibliográficas

Gersão, Teolinda. 2002. In: “O leitor”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 7 de agosto: 16-17.

Gersão, Teolinda. 2015. *Histórias de Ver e Andar*, 3.^a ed. Porto: Sextante (Porto Editora).

Magalhães, Gabriel. 2022. “Ensinar literatura num tempo deslitérario”. In: Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira & Misleine Andrade Ferreira Peel, *Individações Linguageiras e Meios Associados*. João Pessoa: Ideia, 155-174.

Pereira, José Carlos Seabra. 2019. *As Literaturas em Língua Portuguesa (Das origens aos nossos dias)*. Lisboa: Gradiva.

Platão. 1989. *Fedro ou Da Beleza*. Trad. de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores.

Real, Miguel. 2012. *O Romance Português Contemporâneo: 1950-2010*, 2.^a ed. Alfragide: Caminho (Leya).

Vega, Lope de e Cristóbal de Monroy. 1991. *Fuente Ovejuna (Dos comedias)*, 6.^a ed. Edição de Francisco López Estrada. Madrid: Castalia.